

BÁRBARA GIACOMET DE AGUIAR

CULTURA E IDENTIDADE:

ASPECTOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM BLUMENAU - SC

CELACC/ECA-USP
2011

BÁRBARA GIACOMET DE AGUIAR

CULTURA E IDENTIDADE:

ASPECTOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM BLUMENAU - SC

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em
Mídia, Informação e Cultura.

Orientação: Professor Dr. Silas Nogueira.

CELACC/ECA-USP
2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, ao Prof. Dr. Dennis Oliveira, coordenador do CELACC (Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação), pela bolsa de estudos concedida e por todas as aulas inspiradoras que tivemos ao longo dos últimos dois anos.

Ao Prof. Dr. Silas Nogueira, orientador deste artigo, meu especial muito obrigada. Sem as nossas valiosas conversas, coletivas e muitas vezes ao ar livre, talvez eu não tivesse chegado onde cheguei. Ainda não é o fim de um percurso, mas será certamente gratificante percorrê-lo diante de todas as possibilidades que os caminhos apresentados podem oferecer. É importante dizer que sua ética e respeito com a pesquisa e seus pesquisados se tornaram uma referência para mim.

Agradeço, também, à Profa. Dra. Maria Helena Pires Martins, que me fez descobrir e valorizar ainda mais o campo da cultura e que, com sua experiência, me fez compreender melhor o papel que desempenhamos em nossas atividades profissionais.

E agradeço aos entrevistados deste trabalho, pela disponibilidade e generosidade em contar um pouco de suas histórias. Obrigada.

Dedico este trabalho aos meus irmãos Adriano, Clara e Davi. Eu e Adriano descobrimos, juntos, continuamente, a importância de nossas raízes, familiares e sociais, e reconhecemos que sem elas, apesar de seus tropeços, não seríamos o que somos. Minha total admiração à pessoa que você se tornou. Clara e Davi, apesar da pouca idade, já são sujeitos de uma história que ainda será contada.

AGUIAR, Bárbara Giacomet de¹. **Cultura e identidade** : aspectos da imigração alemã em Blumenau – SC. 2011. 23 f. Trabalho de conclusão de curso. Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação / Escola de Comunicações e Artes – USP, São Paulo, 2011.

RESUMO

Este artigo versa sobre aspectos da imigração alemã na cidade de Blumenau, localizada no Vale do Itajaí em Santa Catarina, e propõe-se a discutir conceitos como nação, identidade nacional e identidade cultural. Tem também o objetivo de entender como esse processo migratório se insere dentro dos discursos dos conceitos acima citados e como essas questões aparecem refletidas nos atuais moradores da região.

Palavras-chave: imigração alemã; Blumenau; identidade nacional; identidade cultural.

ABSTRACT

This article is about certain aspects of German immigration in Blumenau situated in the region of the Itajaí Valley in Santa Catarina and it intends to discuss the notions of nation, national identity and cultural identity. It also has as its purpose understand how this migration process relates to the discussion regarding the above mentioned notions and how the current area residents are influenced by the German heritage.

Key words: German immigration; Blumenau; national identity; cultural identity.

RESÚMEN

Este artículo analiza los aspectos de la inmigración alemana en la ciudad de Blumenau que se encuentra en Vale do Itajaí, en Santa Catarina y se propone a discutir los conceptos de nación, identidad nacional y identidad cultural. Tiene también el objetivo de comprender cómo este proceso de migración se inscribe en los discursos de los conceptos citados y cómo estos temas reflejan en los actuales residentes.

Palabras clave: inmigración alemana; Blumenau; identidad nacional; identidad cultural.

¹ Assistente-técnica da Escola do MASP (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand). Bacharel em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo pela PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Orientador: Prof. Dr. Silas Nogueira.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OS IMIGRANTES ALEMÃES.....	9
3. OS DESCENDENTES DE ALEMÃES.....	13
4. OS BRASILEIROS DE BLUMENAU	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

1. INTRODUÇÃO

O projeto inicial deste artigo tinha como intuito investigar o que a autora chamava de “descolamento cultural” do Sul em relação às demais regiões do Brasil. Com o andamento das leituras e das entrevistas realizadas com alguns moradores da cidade de Blumenau, localizada no Vale do Itajaí em Santa Catarina, percebeu-se que o termo “descolamento cultural” poderia não traduzir completamente os processos socioculturais em curso naquela região do país, indicando, em certa medida, um julgamento prévio a respeito do que poderia ser encontrado no objeto estudado.

Entretanto, este trabalho não pretende ser – e não é – neutro. Ele é influenciado pela visão de mundo da autora, por suas vivências e por suas condições sociohistóricas; assim como os depoimentos coletados, que também estão inseridos nessas mesmas condições.

Este artigo pretende entender alguns aspectos da imigração alemã em Blumenau desde os primeiros imigrantes que chegaram à região em 1850, ressaltando seus conflitos com os índios, a imposição de um projeto de nacionalização durante o Estado Novo e como essas questões ainda podem estar inseridas no repertório de referências culturais dos blumenauenses do século XXI, influenciando (a construção de) suas identidades culturais e acrescentando elementos ao debate sobre a identidade nacional brasileira. Pois,

O mundo existe para os homens e pelo fazer humano, tornando-se o homem contemporâneo daquilo que produz – linguagem, trabalho, bens, ciências, artes –, isto é, o mundo é mundo cultural. A cultura se torna, portanto, a captura mais perfeita do tempo e da história, na medida em que submete o fluxo temporal das coisas à ação temporal dos homens, que fazem sua própria história, ainda que não o saibam e em condições que não escolheram. (CHAUI, 1989, p.133)

Vale ressaltar que este artigo não anseia esgotar o assunto. Entre seus objetivos está a busca por um entendimento dos conceitos de nação, identidade cultural e identidade nacional, a partir desta comunidade específica, para um trabalho posterior, mais aprofundado, a ser desenvolvido em breve. Tem por objetivo também despertar o interesse no leitor pelo tema exposto, estimulando-o a entender e perceber-se dentro dos seus momentos históricos vividos.

Alguns pontos importantes da história da cidade foram deixados de lado – como a questão do “perigo alemão”² nas primeiras décadas do século XX e, mais recentemente, o

² Segundo Luiz Felipe Falcão (1998), a partir da unificação alemã em 1871, que vinha carregada por um discurso de um nacionalismo militante e conservador, por disputas entre países da Europa e EUA e pelo próprio discurso nacionalista que estava se consolidando no Brasil, “[...] intelectuais e lideranças

projeto de separação sulista intitulado “Movimento O Sul é Meu País”³, que teve algum destaque na cidade – para priorizar momentos em que os conflitos culturais resultantes da construção de um Estado Nacional no Brasil pareceram ser mais evidentes, não só no sentido histórico mas também trazidos nas falas dos entrevistados. Os aspectos que serão abordados também servem para ressaltar os muitos discursos sobre a ideia de nação e como eles se tornam maleáveis quando levados em consideração quem os proclama e em quais circunstâncias. Como bem coloca Marilena Chauí,

A proliferação de discursos diversos e diferentes sobre a nação faz com que existam muitas “nações” sob a nação [...] cada uma delas determinando um modo de representar a sociedade e a política, cada qual enfrentando, combatendo e excluindo outras. E cada qual pretendendo oferecer-se como discurso da ‘verdadeira’ nação. (CHAUI, 1989, p.114)

Concluída essa primeira análise histórica, focada na chegada dos alemães com o incentivo do governo imperial brasileiro e, mais adiante, nas imposições do Estado Novo para um projeto nacionalista aos quais os imigrantes alemães pareciam não pertencer, o artigo destacará brevemente algumas entrevistas concedidas à autora em outubro de 2011 sobre a relação de alguns moradores da cidade com essa trajetória dos descendentes alemães em Blumenau e como eles se percebem enquanto brasileiros. Analisaremos também o que essas pessoas, na faixa dos 40 anos, vivendo nessa região específica no ano de 2011, ainda carregam dos seus antepassados e como isso aparece refletido no seu cotidiano e na sua percepção acerca do país em que vivem. As entrevistas foram gravadas e os nomes dos entrevistados serão preservados por opção da autora.

Este artigo fará uma leitura histórico-crítica com a fundamentação teórica contemplando os seguintes autores: Marilena Chauí, com a sua concepção de nação enquanto prática sociopolítica, e Benedict Anderson, com as chamadas comunidades imaginadas; para o entendimento de identidade cultural usaremos os conceitos de Stuart Hall e para os conceitos de identidade nacional e identidade cultural dialogaremos com as interpretações de Renato Ortiz. O levantamento histórico de Blumenau será feito a partir da dissertação de mestrado de Luisa Tombini Wittmann sobre a relação dos imigrantes alemães com os índios Xokleng e

políticas colocaram no centro das discussões o receio de que, nas áreas de colonização alemã no sul do Brasil, estaria em curso um processo desnacionalizador que, em última instância, representava uma virtual possibilidade de desmembramento do país” (FALCÃO, 1998, p.32).

³Movimento que discute a possibilidade de separação dos três estados situados mais ao sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) para a criação de um novo país. Ver: www.patria-sulista.org.

também com a tese de doutorado de Luiz Felipe Falcão, cujo título é *Entre ontem e amanhã: diversidade cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*.

Por último, este artigo conta com os estudos de Giralda Seyferth que versam sobre a imigração alemã no Brasil e as comunidades teuto-brasileiras. Contribuíram leituras de textos extraídos da publicação *Blumenau em Cadernos*, gentilmente cedidos pelo Arquivo Histórico de Blumenau. Alguns artigos complementares, devidamente citados nas Referências Bibliográficas, serão utilizados ao longo do trabalho.

2. OS IMIGRANTES ALEMÃES

Entender o conceito de nação, mesmo para aqueles autores que se debruçaram exaustivamente sobre o tema, tem sido um trabalho árduo. Embora não se pretenda esmiuçar o conceito, algumas colocações sobre o assunto se fazem necessárias.

Eric Hobsbawm acredita que seria mais fácil a compreensão de nações se fosse possível entendê-las através de métodos como a “observação de passarinhos”. Para ele,

A principal característica desse modo de classificar grupos de seres humanos é que – apesar da alegação, daqueles que pertencem a uma nação, de que ela é, em alguns sentidos, fundamental e básica para a existência social de seus membros e mesmo para a sua identificação individual – nenhum critério satisfatório pode ser achado para decidir quais das muitas coletividades humanas deveriam ser rotuladas desse modo. [...] Além disso, como veremos, os critérios usados para esse objetivo – língua, etnicidade ou qualquer outro – são em si mesmos ambíguos, mutáveis e tão inúteis para os fins de orientação do viajante quanto o são as formas das nuvens se comparadas com a sinalização de terra. (HOBSBAM, 1990, p.14)

Por outro lado, se existe uma dificuldade, ou até mesmo uma impossibilidade, em classificar sistematicamente o conceito de nação, pode-se compreender a ideia de nação a partir do conceito de comunidades imaginadas proposto por Benedict Anderson. Em prefácio para o livro do autor, Lilia Moritz Schwarcz observa:

Afinal, longe da definição ‘essencial’ de nação (como se a mesma contivesse elementos estáveis e naturais), afastado da versão exclusivamente maquiavélica (que supõe controle absoluto dos governos na conformação dos Estados-nação), Anderson mostrou de que maneira a nação é – dentro de um espírito antropológico – uma comunidade política imaginada; quase uma questão de parentesco ou religião. Nesse sentido ela é tão limitada como soberana, na medida em que inventa ao mesmo tempo em que mascara. Não há, portanto, comunidades ‘verdadeiras’, pois qualquer uma é sempre imaginada e não se legitima pela oposição falsidade/autenticidade. Na verdade, o que as distingue é o ‘estilo’ como são imaginadas e os recursos de que lançam mão. [...] Por fim, nações são imaginadas como *comunidades* na medida em que, independente das hierarquias e desigualdades existentes, elas sempre se concebem como estruturas de camaradagem horizontal. Estabelece-se a ideia de um ‘nós’ coletivo, irmanando relações em tudo distintas. (ANDERSON, 2008, p.12)

O conceito de comunidades imaginadas proposto por Anderson está de alguma forma ligado à ideia dos muitos discursos de nação colocados por Chauí e serão esses dois pontos que irão nortear este artigo.

Para melhor ilustrar e tornar mais claras as colocações propostas a respeito dos diversos discursos de nação e de como a nação pode ser sempre imaginada, centralizou-se

aqui a questão em um microuniverso, permitindo que se perceba como os interesses por trás das falas são atos políticos, ora construindo uma nova e imaginária ideia de Estado Nacional, ora enfraquecendo os espaços do campo político que estão sendo supostamente ameaçados.

Um exemplo disso é a história que se aprende nas escolas da cidade sobre o processo de colonização de Blumenau – pois sabe-se que muito antes dele já havia sido percorrido um longo percurso por índios Kaingang e principalmente por índios Xokleng⁴. Conta-se que a colonização teve início em 2 de setembro de 1850. Neste dia, desembarcaram na região dezessete imigrantes alemães sob o comando do Dr. Hermann Bruno Otto Von Blumenau. A historiadora Luisa Tombini Wittmann (2007) explica que esse projeto de colônia era uma iniciativa particular do Dr. Blumenau autorizado pelo governo imperial brasileiro. O objetivo era povoar e trazer da Alemanha pessoas interessadas em trabalhar na agricultura e desenvolver a região, até então vista como pouco desenvolvida.

Mesmo antes da proibição do tráfico de escravos já existia um discurso de valorização do imigrante europeu entre as elites e o governo. Em 1860, em função de dificuldades financeiras do Dr. Blumenau, o governo imperial assumiu o empreendimento e as despesas de assentamento dos colonos, a cidade deixou de ser uma colônia particular e o médico alemão, já instalado na cidade, foi nomeado diretor da colônia em um cargo de funcionário público. Assim, a responsabilidade sobre o desenvolvimento dessa região e as consequências que isso traria, especialmente em relação aos índios que viviam por ali, passou a ser do governo brasileiro e não mais de uma iniciativa privada.

A população brasileira de então era de 7 milhões de pessoas, sendo a maioria de índios, negros e mestiços. Schwarcz (2008) afirma que nesse período o número de negros e mestiços chegava a quase 80% de todo contingente nacional. O progresso e o branqueamento da população era, portanto, a principal justificativa para o projeto de imigração europeia. Maria Aparecida Silva Bento (2002) afirma que essa política de branqueamento trouxe, em trinta anos, 3,99 milhões de imigrantes europeus, praticamente os mesmos 4 milhões de africanos que vieram ao longo de três séculos. Para a autora, o projeto de branqueamento do país teria, em sua gênese, o medo. Ao citar o estudo de Célia Marinho de Azevedo, Bento

⁴ Segundo dados da Funasa (Fundação Nacional de Saúde) de 2009 e 2010, existem, atualmente, 1.853 índios Xokleng, localizados no estado de Santa Catarina, e 33.064 índios Kaingang, espalhados pelos três estados do sul do país e também no estado de São Paulo. Atualmente, os índios Xokleng residem a cerca de 100km da cidade de Blumenau, em uma reserva indígena denominada Ibirama, situada entre os municípios de José Boiteaux e Doutor Pedrinho. Ver: [www.http://pib.socioambiental.org](http://pib.socioambiental.org).

coloca: “o estudo de Azevedo [1987] evidencia como o ideal do branqueamento nasce do medo, constituindo-se na forma encontrada pela elite branca brasileira do final do século passado para resolver o problema de um país ameaçador, majoritariamente não branco”. (BENTO, 2002, p.31) Ela acredita ainda que o processo migratório de europeus viria para compensar um medo da elite brasileira de encontrar pelas ruas “uma enorme massa de negros libertos [...] e tanto eles como a elite sabiam que a condição miserável dessa massa de negros era fruto da apropriação indébita (para sermos elegantes), da violência física e simbólica durante quase quatro séculos, por parte dessa elite”. (BENTO, 2002, p.34)

Os alemães foram vistos como uma das comunidades ideais para essa proposta de branqueamento da população brasileira, pois eram tidos como “dados ao trabalho”, ao contrário da percepção que se tinha de negros e índios. Na região de Blumenau os negros não eram tão presentes, mas a ideia de índios circulando pelo mesmo território de brancos pode ser vista como similar à questão negra. Troca-se o escravo negro pelo índio selvagem. Em seu livro *O vapor e o botoque*, Wittmann (2007, p.62) cita um depoimento do então presidente da província de Santa Catarina, João José Coutinho, em que “a imigração, disse ele, estava sendo prejudicada pelos índios, os verdadeiros obstáculos ao sucesso da colonização”. Para ela,

Além do discurso da ferocidade dos índios, percebemos outra representação corriqueira divulgada nos relatórios, desta vez relacionada ao colono como profícuo trabalhador. Esse discurso reforçava, por um lado a importância do imigrante enquanto agricultor que bons frutos trazia ao progresso do Brasil; por outro insistia na inutilidade dos índios para o desenvolvimento da região que estava sendo colonizada. (WITTMANN, 2007, p.63)

Um depoimento como esse evidencia que um dos interesses do governo era transformar o Brasil em um país de brancos, alegando para isso que índios e negros não poderiam trazer o tão almejado progresso, considerando-os inferiores. Ter uma maioria indígena, negra ou mesmo mestiça não interessava. E é nesse momento que encontramos o primeiro discurso – através da ótica da imigração alemã em Blumenau – sobre o que deveria ser o Estado Nacional brasileiro. Uma nação majoritariamente branca e afeita ao progresso. Segundo Jeffrey Lesser (2001), havia nesse período uma elite brasileira

[...] que tentava desesperadamente adquirir legitimidade, buscando se vincular a lugares e culturas longínquos. Afirmando que a geografia (isto é, a natureza) era a base da raça, os imigrantes ‘brancos’ no Brasil criariam uma identidade nacional semelhante à européia, que viria a esmagar, com sua superioridade, as populações nativa e africana. (LESSER, 2001, p.24)

Nesse sentido, era altamente positivo para o Estado brasileiro ter imigrantes alemães trabalhadores como parte da nação brasileira que se pretendia construir.

Com esses valores embutidos nos ideais pretendidos e na argumentação de que os índios eram violentos e cometiam atrocidades contra o “bom trabalhador”, um número incalculável deles foi simplesmente exterminado, por motivos de “segurança” e para o “bom andamento” da colônia. Segundo Wittmann (2007), o governo estava ciente desse extermínio e nada fez para detê-lo – cabe ressaltar que documentos resgatados pela historiadora apontam que algumas gestões se colocaram contra a matança, porém prevaleceu a maioria que era a favor do genocídio.

O imigrante alemão passa a ser visto e enaltecido, então, como um desbravador heróico munido de qualidades essenciais para a construção da nação. Ele defendeu terras brasileiras contra os selvagens e construiu uma região rica e próspera graças a seu espírito laborioso. Nesse momento, era tudo que o governo brasileiro queria e não mediu esforços para sustentá-lo. Mas no século seguinte, quando da iminência da Segunda Guerra Mundial, a percepção da heróica colonização alemã foi radicalmente transformada. E o imigrante alemão deixou de ser o sujeito herói, para se tornar uma ameaça à nação.

3. OS DESCENDENTES DE ALEMÃES

No final do século XIX e início do século XX alguns autores debruçaram-se sobre os estudos da sociedade brasileira, sendo considerados, por alguns, os precursores das Ciências Sociais no Brasil. O ponto principal do que acreditavam ser a “essência” do povo brasileiro era a união dos três pilares fundadores desse povo: o índio, o negro africano e o branco europeu. Se antes a mestiçagem era vista com maus olhos, posto que índios e negros eram supostamente inferiores, no novo século a ideia do homem mestiço surgiu como o entendimento do que seria o verdadeiro indivíduo brasileiro. Parece que a aceitação do mestiço em território nacional traria ao país o status de nação, deixando de ser uma simples junção de povos vindos de diversos lugares distintos. Como bem coloca Renato Ortiz,

O mito das três raças torna-se então plausível e pode-se atualizar como ritual. A ideologia da mestiçagem que estava aprisionada nas ambigüidades das teorias racistas, ao ser reelaborada pode difundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional. (ORTIZ, 1994, p.41)

O Brasil vivia nessa época um período de desenvolvimento econômico e social. Segundo Ortiz (1994), a questão do trabalho estava ainda mais evidenciada, tomando o espaço de termos como “preguiça” e “indolência”, normalmente associados a negros e índios. Para ele, “o que se assiste nesse momento é, na verdade, uma transformação cultural profunda, pois se busca adequar as mentalidades às novas exigências de um Brasil moderno”. (ORTIZ, 1994, p.43)

Durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), mas especialmente durante o período do Estado Novo (1937-1945), houve um intenso projeto nacionalista. Segundo Giralda Seyferth,

Entre 1937 e 1945 uma parcela significativa da população brasileira sofreu interferências na vida cotidiana produzidas por uma ‘campanha de nacionalização’ que visava o caldeamento de todos os alienígenas em nome da unidade nacional. A categoria ‘alienígena’ – preponderante no jargão oficial – englobava imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como ‘não-assimilados’. (SEYFERTH, 1997, p.95)

Para assegurar o fortalecimento do Estado Nacional, diversas práticas políticas surgiram, ressaltando e reforçando que o país agora seria “um só”. Baseado em autores em evidência na época, tentou-se eliminar as diferenças existentes entre grupos de qualquer raça ou classe social, fazendo com que cada indivíduo deixasse de se ver e se perceber como algo específico – para ser, antes de tudo, brasileiro.

Dessa forma, Ortiz (1994) entende que se pretendeu dissolver as fronteiras de cor, por meio da incorporação de aspectos e valores culturais de cada um desses grupos a esse grande conceito de uma única identidade nacional, pouco importando se assumiriam novos significados ou que impacto isso teria em suas origens. O samba é o exemplo mais conhecido: antes marginalizado e proibido, junto com as religiões de matrizes africanas, foi rápida e repentinamente apropriado como um “item” da identidade nacional brasileira. Em outros casos, esses valores e características específicos de um grupo foram simplesmente proibidos, como foi o caso da cultura germânica no sul do país ou ainda de imigrantes japoneses, sírios e libaneses no estado de São Paulo.

A situação em Blumenau nessa primeira metade do século era vista como bastante próspera. Muitas famílias já colhiam frutos e isso podia ser visto no aumento das suas propriedades e no marco industrial que a cidade estava se tornando. Esse progresso trazia uma sensação de dever cumprido, fortalecendo a autoestima dos imigrantes. Como coloca o historiador Luiz Felipe Falcão (1998, p.34),

[...] esta situação tendia a forjar nos colonos um forte sentimento de auto-estima, onde despontava a exaltação do trabalho e do espírito empreendedor, a percepção de uma grande autonomia diante do governo e das autoridades brasileiras, e inclusive a sensação de um certo alheamento (e não de isolamento, como afirmam alguns autores) face a sociedade brasileira como um todo. Isto, em seu conjunto, reforçava uma identidade cultural onde se destacavam o emprego quase que exclusivo da língua alemã, a criação de formas associativas capazes de preservar hábitos e costumes (como a igreja, a escola e as sociedades de leitura, musicais ou de atiradores), e o próprio cultivo das tradições vinculadas à distante Alemanha (como o de comemorar anualmente o aniversário do kaiser ou imperador).

Esse cenário blumenauense onde quase não se falava o português, próspero e fortemente conectado a um país que não o Brasil, incomodava. E o incômodo não estava relacionado apenas a um projeto de comunhão entre todos os habitantes do território nacional. Era um incômodo de caráter político e ideológico. Por isso, os decretos que se seguiram foram sim uma tentativa de criação de uma identidade nacional única. Mas vieram também, muito provavelmente, para minar uma possível subida ao poder (imaginada ou não) de alguns grupos, como os adeptos da Ação Integralista Brasileira – movimento político conservador inspirado nos fascismos europeus e criado por Plínio Salgado no início da década de 30 – que adquiriu muitos seguidores na região ou ainda em virtude de supostas conexões entre a população blumenauense e a Alemanha de Adolf Hitler. Segundo Falcão (1998, p.113),

A AIB promoveu uma mobilização política sem precedentes no território catarinense, cujas proporções jamais foram alcançadas em todos os períodos

subseqüentes, e seu prestígio era tamanho que se tornou voz corrente a opinião segundo a qual os integralistas venceriam ali com folga as eleições para presidente da República, previstas pela constituição brasileira para janeiro de 1938.

Também os imigrantes japoneses inspiravam esse receio. Segundo Lesser (2001), histórias fantásticas foram amplamente divulgadas na imprensa, algumas afirmando que todos os japoneses eram espiões, outras sobre os vínculos nazistas em Blumenau.

Essa tentativa de diluir as diferenças entre grupos, raças e classes, criando-se a figura de um indivíduo tipicamente brasileiro, teve por objetivo amortizar as possibilidades de conflitos que poderiam acontecer em um país com grupos culturais tão distintos. Conflitos entre grupos e principalmente conflitos de reivindicação ao Estado. Para Seyferth (1997, p.95),

A campanha [de nacionalização] foi concebida como ‘guerra’ para erradicação de idéias alienígenas, com o objetivo de impor o ‘espírito nacional’ aos patricios que formavam ‘quistos étnicos’ erroneamente tolerados pelo liberalismo da República Velha. Seus idealizadores criticavam, sobretudo, a política de colonização com imigrantes mantida durante a Primeira República, argumentando que a elite não corrigiu os ‘erros’ cometidos no Império, permitindo que estrangeiros formassem núcleos isolados, quase imunes ao processo assimilador característico da formação social brasileira.

Então em janeiro de 1938, através do interventor de Getúlio Vargas em Santa Catarina, o governador Nereu Ramos, começou uma intensa e brusca campanha nacionalista, utilizando-se, inclusive, de aparato militar para promover a tão falada nacionalização. Escolas particulares poderiam contratar apenas professores que falassem o português, nomes de ruas e estabelecimentos não poderiam ser em outras línguas, jornais em língua estrangeira foram proibidos de circular, toda e qualquer associação que promovesse a tradição de outras culturas foi impedida de atuar. Naturalmente, essas mudanças não seriam fáceis, posto que grande parte da população de Blumenau falava apenas o alemão e estava intimamente ligada a essas associações. Segundo Falcão (1998), a partir de 1942 o projeto nacionalista torna-se ainda mais contundente. Neste ano,

O país rompeu relações diplomáticas e em seguida declarou guerra à Alemanha hitlerista e à Itália de Mussolini. Encarados como traidores desde os tempos do integralismo, pelo apoio a uma agremiação política que as autoridades locais consideravam exótica ou pelo apego às suas tradições culturais, os descendentes de imigrantes tornam-se então, graças a uma nova nomenclatura, a ‘quinta-coluna’ que sabotava o país a serviço de potências estrangeiras. (FALCÃO, 1998, p.113)

Através desses dois momentos específicos da história de Blumenau, pode-se perceber que a construção de uma ideia de nação enquanto prática sociopolítica, “[...] é um conjunto de

relações *postas* pelas falas e pelas práticas sociais e políticas para as quais ela serve de suporte [...]” (CHAUI, 1989, p.115). E mais, ela é histórica e mutável. Ou seja, se durante o período de imigração europeia, os alemães eram enaltecidos e celebrados em território brasileiro, seus descendentes viveriam o extremo oposto nas décadas seguintes, ao se tornarem “inimigos” da tão proclamada nação brasileira. E se o discurso, além de mutável, é facilmente incorporado ou desincorporado pelas práticas do poder, a herança dessa problemática não termina nas falas. Ela é incorporada e ressignificada ao longo dos anos, transformando e marcando profundamente a sociedade, especialmente aquelas pessoas que estão diretamente envolvidas.

4. OS BRASILEIROS DE BLUMENAU

O conceito de identidade cultural tem sido amplamente discutido. Reduzi-lo a um conceito único seria ignorar toda a sua complexidade. O que o torna tão complexo é sua essência imaterial e intangível, algo que não se pode tocar. Por outro lado, para um possível entendimento acerca dos desdobramentos dos discursos de nação e Estado Nacional e como eles aparecem inseridos nas falas dos indivíduos e nos seus entendimentos sobre si mesmos, algumas definições são necessárias. Como bem coloca Lévi-Strauss (1977, apud ORTIZ, 2006, p.137) “a identidade é uma entidade abstrata sem existência real, muito embora fosse indispensável como ponto de referência”.

Stuart Hall (2006) acredita que o mundo esteja vivendo uma “crise de identidade”, já que a ideia de um sujeito unificado, proposta pelo Iluminismo, está se dissipando. Para ele, as referências que os indivíduos tinham para se entenderem enquanto indivíduos estão descentralizadas e fragmentadas. Ou seja, o indivíduo deixa de pertencer a apenas um grupo, para pincelar partes de vários todos. Porém ele acredita que as culturas nacionais seriam uma das principais fontes para a formação dessa identidade cultural.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2006, p.47)

Assim como o conceito de nação proposto por este artigo, as identidades culturais também são entendidas como um discurso, “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p.50). Ou seja, as histórias que são contadas pelos antepassados e transmitidas de geração em geração, as leituras de documentos históricos e a memória coletiva perpetuada através de instituições são o que poderíamos chamar de fio condutor desses discursos que versam sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

Para exemplificar as complexidades dos discursos do que seria um Estado Nacional brasileiro e quais seriam suas identidades culturais, se é que elas existem, alguns trechos das entrevistas concedidas à autora serão destacados, a seguir. Neles pode-se observar como essas mudanças no discurso de um Estado Nacional aparecem inseridas nas falas dos atuais moradores de Blumenau e como eles se enxergam enquanto indivíduos que procuram

preservar uma tradição germânica em seus círculos sociais. Além disso, aparecem os papéis que eles desempenham enquanto descendentes de alemães em um contexto mais amplo, o de serem brasileiros. Entretanto, para os dois casos trata-se de

Uma concepção fechada de ‘tribo’, diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente em uma linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua ‘autenticidade’. É claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história. (HALL, 2009, p.29)

As entrevistas foram realizadas entre os dias 13 e 14 de outubro de 2011 na região central da cidade de Blumenau com três moradores: dois homens e uma mulher. A faixa etária masculina era de, aproximadamente, 40 anos de idade e a feminina acima dos 90 anos de idade. Todos são descendentes de alemães de segunda a quinta geração e participam de atividades ligadas à cultura dos imigrantes da cidade.

Inicialmente, a imagem do imigrante alemão desbravador e que abdica do seu lar para ajudar a construir uma nova nação pode ser percebida em entrevista com um descendente de alemães da quinta geração:

Eles [os alemães] vieram. Quer dizer, eles saíram do conforto deles e vieram aqui no meio da mata, se preocuparam. [...] eles [o governo brasileiro] precisavam colonizar o Brasil com pessoas que tinham mão de obra qualificada, não só agricultura, escravidão, essas coisas. (D.B.)

Ou seja, além do espírito explorador, qualidade importante para a missão de desenvolver o Brasil, o entendimento era realmente que o país precisava de brancos. Negros não serviam mais – ou talvez nunca tenham servido – para promover o crescimento do país.

Hoje as teorias raciais de que índios e negros seriam inferiores estão ultrapassadas, mas até que ponto essa percepção em relação ao processo de colonização no século XIX ainda está embutida nas percepções acerca do outro? O discurso pode mudar, mas para onde vai essa herança deixada por esses discursos?

O modo de agir do povo assim com relação a... por exemplo... cuidar ao redor de casa, por exemplo. Aqui, onde existe mais essa cultura germânica, o povo, ele, além de cuidar da sua casa, ele cuida da calçada, ele cuida na rua na frente de casa, ao redor de casa, né? Onde... aqui próprio em Blumenau, a gente vê regiões onde tem muita imigração, aí você não vê isso. Você vê, eventualmente, esgoto já sendo largado direto na rua, ou calçada não feita, coisas assim, né? Um pouco mais... Ficam esperando muito pelo poder público, né? Já onde tem assim, mais tradição alemã, nessa região aqui, o

peçoal daqui mesmo, eles preservam mais, tudo mais, do local onde vivem. Eles próprios fazem. (E.O.)

Ao falar da diáspora caribenha na Inglaterra, Hall coloca bem a questão das relações de grupos raciais, étnicos ou sociais distintos.

Não se quer sugerir aqui que, numa formação sincrética, os elementos diferentes estabelecem uma relação de igualdade uns com os outros. Estes estão sempre inscritos diretamente pelas relações de poder – sobretudo as relações de dependência e subordinação sustentadas pelo próprio colonialismo. Os momentos de independência e pós-colonial, nos quais essas histórias imperiais continuam a ser vivamente retrabalhadas, são necessariamente, portanto, momentos de luta cultural, de revisão e reapropriação. Contudo, essa reconfiguração não pode ser representada como ‘uma volta ao lugar que estávamos antes’, já que, como nos lembra Chambers, ‘sempre existe algo no meio’. (HALL, 2009, p.34)

Outro ponto destacado nas entrevistas e que pode ser relacionado com os processos de construção da sociedade blumenauense é o sentimento de que o governo brasileiro não os apoia. Esta questão vem desde o século XIX mas foi acentuada no período do Estado Novo com a proibição de tudo que fazia referência à Alemanha.

[...] o governo brasileiro não, digamos assim, não se interessou, tanto que não tinham professores. Aqui os professores vinham da Alemanha porque, se não, você... Nenhum brasileiro se interessou em vir aqui e desenvolver alguma coisa. Então, precisava de médicos, ninguém se interessava, traz da Alemanha. [...] Quer dizer, o governo brasileiro, na época, ‘nem me interessa’, só na época da Segunda Guerra Mundial eles baixaram uma lei proibindo tudo. Você não podia falar alemão, aí esvaziaram... Minha mãe conta que esvaziaram o hospital em Rio do Sul, prenderam todo mundo e os doentes ficaram lá, sem ninguém. Aí morreram... Quer dizer, foi uma... Simplesmente baixaram uma ordem, prende todo mundo, e aí, quem é que mantém o hospital funcionando? E os doentes que tão lá dentro? ‘Ah, isso não é comigo, só vim aqui prender’. (D.B.)

E parece perdurar até os dias de hoje,

Essa situação, por exemplo, agora recente de novo, da enchente. Então o povo não espera o poder público vir, ajudar, fazer... Sabem que tem que fazer, vai, faz. Cada um cuida do seu e se vira, né? O pessoal tem mais esse hábito, essa cultura, né? (E.O.)

Ou seja, certo ressentimento com o governo brasileiro parece estar presente até hoje na percepção do blumenauense, talvez nem percebendo que algumas mudanças tenham ocorrido. As histórias contadas pelos antepassados parecem ter deixado marcas profundas nas gerações seguintes. Possivelmente muitos nem percebam como suas falas estão imbuídas de uma história que não só não foi vivida por eles mas contada por terceiros, como também por questões que talvez já nem sejam mais de determinada forma.

O passado deixa marcas nas novas gerações e talvez seja através desses repertórios de referências que os blumenauenses tentam definir, de certa forma, suas identidades culturais nos dias atuais. Entretanto,

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma ‘arqueologia’. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu ‘trabalho produtivo’. Depende de um conhecimento da tradição enquanto ‘o mesmo em mutação’ e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse ‘desvio através de seus passados’ faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, com novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2009, p.43)

Nesse sentido, a complexidade de tentar definir o que seria uma identidade cultural brasileira vai muito além de colocar em um mesmo caldeirão todas as manifestações dos diversos grupos que compõem o país, esperando que ali apareça uma verdadeira e única identidade nacional. Para Hall (2009, p.34), “os Estados-nação impõem fronteiras rígidas dentro das quais se espera que as culturas floresçam”. Pois, mais que uma definição em si, sua essência está intrinsecamente ligada ao discurso e uso que é feito do que se entende por identidades nacionais. Mais do que uma conceituação teórica sobre o tema, o que se percebe, na essência de tudo, é que nem mesmo o brasileiro sabe muito bem por onde passam as suas identificações culturais, mas nem por isso deixa de se ver menos brasileiro.

Assim... Algumas coisas eu simpatizo..., outras não tanto, né? Por exemplo, ah, se você for falar em Carnaval por exemplo, eu não sou muito chegado a Carnaval, não gosto muito, não. Agora, tem outras coisas que eu gosto...Ah... Gosto da música sertaneja do Brasil, música MPB em geral do Brasil..., gosto... Não necessariamente Carnaval, pagode, essas coisas assim... Nesse sentido, não. Mas outras coisas gosto, gosto... Gosto de futebol, gosto de... Tem bastante coisa da cultura brasileira que eu gosto. [...] Acho que eu não tenho tanto essa diferença assim com relação a quem mora... a quem é de São Paulo, do Rio... Não vejo assim... A não ser essa questão da cultura, das tradições, coisa e tal... Fora isso, acho que não... Não me sinto diferente dos demais brasileiros, não. (E.O.)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entrar em uma discussão e em um processo de compreensão sobre conceitos como nação, identidade cultural, identidade nacional não é fácil. Os autores aqui estudados são claros ao se posicionarem sobre existir diversas formas de se entender tais conceitos e que suas concepções são pautadas nos repertórios de referências que possuem. Como coloca Ortiz (1991, p.183),

Sabemos hoje que a discussão sobre a ‘autenticidade’ do nacional, e portanto da identidade, é na verdade uma construção simbólica, uma referência em relação à qual se discutem diversos problemas. Na verdade não existe uma única identidade, mas uma história da ‘ideologia da cultura brasileira’, que varia ao longo dos anos e segundo os interesses políticos dos grupos que a elaboram.

O “discutir diversos problemas”, como falou Ortiz, foi o principal objetivo deste trabalho. Ao fazer um recorte no processo migratório alemão em Blumenau, não se pretendeu excluir nenhum outro grupo ou comunidade ou colocar em grau de equiparação ao que este ou aquele grupo possa ter vivido. Todos os indivíduos, ou sujeitos históricos, merecem a atenção de estudos, no campo da cultura. É preciso colocar sempre em destaque questões acerca das brutalidades cometidas com o outro. Seja por medo, como levantado neste artigo, seja por uma crença em raças superiores ou inferiores. Na verdade, o motivo pouco importa.

O que se pretendeu aqui foi ressaltar a teia de complexidades da cultura e da sua inserção na construção de um Estado Nacional brasileiro ou, ainda, de uma cultura brasileira. Essa questão da cultura brasileira, se é que ela existe enquanto uma entidade única, e todas as suas dificuldades podem ser percebidas em todos os grupos, de todas as classes e de todas as regiões do país. Pois, como já citado no início deste trabalho, “o mundo é mundo cultural. A cultura se torna, portanto, a captura mais perfeita do tempo e da história”. (CHAUI, 1989, p.133)

E se a cultura é a porta de entrada para tentar entender o tempo e a história, toda a sua complexidade precisa ser posta em questão e à luz das discussões que se estabelecem, sem pré-conceitos e com abertura ao que pode surgir daí. E mais, é necessário permitir que todo o indivíduo possa adentrar essa porta e participar dessas discussões, que são somente sobre ele e para ele.

Em relação à cidade de Blumenau e seu processo migratório, parece ficar claro o papel que a história desempenha continuamente entre seus moradores e que os faz serem quem são. Se a imagem de um imigrante alemão desbravador e herói ainda é mantida entre seus

descendentes e as imposições de um projeto nacionalista ainda aparecem marcadas nessas pessoas, o misto de admiração e ressentimento ainda podem gerar conflitos com o outro. Se, ao mesmo tempo, eles se sentem brasileiros, e de fato e de *jure* o são, a memória desse passado recente ainda gera distinções que estabelecem as suas diferenças com os outros brasileiros.

Só o tempo e as ressignificações dessas memórias e tradições poderão indicar o caminho que será percorrido por essas construções sobre as múltiplas identidades culturais aqui levantadas. Pois, como coloca Hall (2006, p.38),

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: _____; CARONE, Iray (Orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002, pp.25-58.
- CHAUI, Marilena. Considerações sobre o nacional-popular. In: _____. **Cultura e cidadania**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1989, pp.85-136.
- FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã**: diversidade cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. 1998. 423 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. SOVIK, Liv (Org.). 1.ed. atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780**: Programa, mito e realidade. Trad.: Maria Célia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. Trad.: Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: UNESP, 2001.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- _____. **A moderna tradição brasileira**: Cultura brasileira e indústria cultural. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n.22, pp.149-197, 2004.
- _____, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. **Mana**, Rio de Janeiro, vol. 3, n.1, pp.95-131, 1997.
- WITTMANN, Luisa Tombini. **O vapor e o botoque**: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850 – 1926). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.